

DO IMAGINÁRIO À IMAGINÁRIA DEVOCIONAL DO PROFETA SERTANEJO ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL, O ANTÔNIO CONSELHEIRO

Jadilson Pimentel dos Santos

*Instituto Federal da Bahia
Universidade de Campinas
jadangelus@bol.com.br*

Resumo

O beato Antônio Conselheiro foi um indivíduo afeito ao cristianismo das origens e seguidor extremado das normas propagadas pela Contrarreforma: mortificação do corpo, veneração de relíquias, criação de santuários sagrados, utilização e influência do estilo barroco, dentre outras. Devoto declarado do Bom Jesus, São João Batista e Santo Antônio, apresentava em suas pregações, uma oratória inflamada e de teor místico, cujas bases encontravam ressonância em obras como o *Lunário Perpétuo*, as *Horas Marianas* e a *Missão Abreviada*. Apontado por diversos estudiosos como o “Anchieta” ou o “Vieira dos sertões”, deixou um conjunto de edifícios religiosos cujos oragos além de dialogarem sobremaneira com o estilo Barroco, também transitam pelas expressões de linguagem popular. Em seu séquito existiam os mais variados estratos sociais, destacando-se, de forma exemplar, os entalhadores e fundidores os quais deixaram obras escultóricas desde as margens do São Francisco até os rincões mais próximos do litoral norte da Bahia. Essa imaginária sacra ai presente, rica em simbologia, apresenta, variadas vezes, tipologias próprias com repertório sincrético, sendo o tema sertanejo muito explorado. Baseado em fotografias, documentos de cronistas, cartas e dissertações, este trabalho intenta mapear as obras de esculturas do sertão do Conselheiro, de modo a revelar e divulgar esse patrimônio artístico-religioso que se encontra cada vez mais ameaçado, bem como esquecido de estudos mais aprofundados sobre esse que é um tema muito importante para o contar e recontar da memória do povo conselheirista.

62

Palavras-Chave: Antônio Conselheiro, Imaginária Religiosa, Arte Popular, Arte Sacra.

Introdução à gramática artística do conselheiro

O líder religioso Antônio dos Mares, também conhecido como Irmão Antônio, Santo Antônio Aparecido, Antônio Conselheiro, Santo Antônio Conselheiro, e, finalmente, Conselheiro, nasceu em solo cearense, e no decorrer de sua existência foi colecionando vários títulos. Na infância, ele seria mais conhecido, no seio de sua gente, como Antônio Vicente. Já na idade adulta lograria, no seu Belo Monte, o epíteto de Bom Jesus Conselheiro.

Acumulando em seu currículo mais de 20 anos de peregrinação pelos sertões do nordeste, foi conclamando as mais variadas gentes para o seu mister, tendo agregado em seu séquito, inúmeros artífices. Os nomes mais pródigos, no concernente aos artífices da grei conselheirista foram; Manuel Faustino e Antônio Feitosa, sendo o primeiro, o responsável por obras importantes tais como: talhas, portas e cruzeiro da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis e talha e cruzeiro da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte.

Faustino sendo um fiel entalhador do beato profeta, não poupou esforços ao representar uma gramática ornamental que nas mais variadas vezes agradava e exaltava o seu líder. Desse léxico sobressaíam as flores sempre presentes nos altares e portas, bem como as iniciais do nome que, tanto podia ser Antônio Vicente Mendes Maciel Conselheiro (AVMMC), quanto, simplesmente, Bom Jesus Conselheiro (BJ). Na capela do Santo Cruzeiro de Tucano vamos encontrar as iniciais como monograma se adequando a formatação do topo do frontispício. É uma gramática que extrinsecamente diz acerca da Bíblia, da Missão Abreviada, das Horas Marianas e do Lunário Perpétuo; tão propagados a partir do Concílio de Trento. Intrinsecamente aborda aspectos de louvação ao bom beato do Quixeramobim.



*Figura 1: Bom Jesus padroeiro de Crisópolis, BA.
 Autoria: desconhecida, século XIX.
 Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2010.*



*Figura 2: Senhor do Bonfim padroeiro de Chorrochó, BA.
 Autoria: desconhecida, século XIX.
 Fonte: Jadilson Pimentel dos Santos, 2010.*

Com a obtenção de títulos variados, Antônio Conselheiro passa a ser comparado com personagens sagrados. Para o povo sertanejo Antônio dos Mares é também Santo Antônio que nos sertões apareceu: Santo Antônio Aparecido. Nesses rincões, viam-no semelhante a Antônio de Pádua.

Outro santo também evocado pelos conselheiristas, e comparado ao beato, era São João Batista. Além de peregrinarem pelo deserto e se alimentarem parcamente, os seus fieis afirmavam que Antônio, tal qual João Batista, possuía um carneirinho de estimação que era transportado nos braços, assemelhando-se à iconografia de São João. Outro aspecto mencionado é o fato de o profeta do Belo Monte ter sido decapitado depois de morto, motivo para os sertanejos o considerarem um mártir. Essas particularidades são claramente observadas em variadas obras do Conselheiro, sobretudo em sua arquitetura religiosa.

63

As devoções deixadas pelo conselheiro sobrevivem até hoje. Se mantêm vivas e comunicam a palavra proclamada diuturnamente pelo beato. Dentre os municípios que ainda preservam toda essa ritualística cita-se: Chorrocho; com a devoção ao senhor do Bonfim, Crisópolis; com a devoção ao Bom Jesus e Canudos com a devoção ao Santo Antônio. As imagens dos oragos deixadas nessas cidades, sobretudo as do Bom Jesus, são muito veneradas nas festas do mês de Janeiro e comunicam na sua feitura as marcas da arte popular mesclada às influências do barroco. (FIG. 1 e 2)

As imagens dos Cristos crucificados tiveram ampla aceitação entre os sertanejos liderados pelo Conselheiro, embora em meados do século XIX, com a Romanização, a igreja já enfatizasse a imagem do Cristo soberano. Todavia, no grande sertão do Conselheiro, é o Cristo doloroso que se sobressai em predileção.

Na voz de muitos historiadores, isso se deve ao fato de o homem simples do campo – o sertanejo que vive em regime de diáspora e espoliado pelos latifundiários – se identificar com o Cristo martirizado. É nesse ícone que o camponês do sertão se enxerga.

Adepto do catolicismo das origens, Antônio Conselheiro carregava em suas pregações fortes influências da Missão Abreviada, das Horas Marianas, do Lunário Perpétuo e da Bíblia Sagrada. Muitos dos exemplos aprendidos - de uma vida regrada, da mortificação do corpo e da abominação aos objetos de luxo, são extraídos desses livros sagrados.

A Bíblia sagrada que circulou no sertão do oitocentos era ricamente ilustrada com gravuras que serviram para instruir e evangelizar, e também como tema de sua gramática ornamental, empregada na arquitetura religiosa, bem como nas obras de talha e demais vertentes artísticas.

A missão abreviada também trazia algumas ilustrações e oferecia em seu conteúdo um *tônus* revivalista: medievalista e barroquizante. Conselheiro nas suas pregações, dotado de uma oratória inflamada, deixa claro a predileção pelos temas dos martírios e sacrifícios, evidenciados na estética barroca, sobretudo na devoção declarada ao Bom Jesus.

Nesse ínterim, vai forjando uma estética onde a busca pelos aspectos dolorosos são uma constante. Em seus sermões combatia a beleza, o luxo, ou qualquer tipo de vaidade.

Antônio Vicente, origens, influências e contaminações

O Cará, de acordo com alguns cronistas e viajantes, não foi um território almejado pelo surto empreendedor dos primeiros colonizadores. Descrito sempre como uma terra de mal-aventurados, onde somente o céu e o mar tinham imponência, pode-se mesmo constatar que, nessas crônicas antigas, percebe-se, sempre, um tom melancólico e lúgubre.

O conquistador Martim Soares Moreno (apud MACEDO, 1978) foi o primeiro a proclamar que em todas as léguas do Ceará, não havia um palmo de terra que se pudesse povoar onde tudo eram areias ardentes e onde só medrariam rebanhos.

A formação do território cearense se concretiza, contudo, quando ocorre a ocupação do seu sertão por criadores de gado oriundos de outras regiões nordestinas. Os caminhos percorridos pelas boiadas foram de fundamental relevância para a sua ocupação. O gado trazido da Paraíba, da Bahia, do Rio Grande do Norte e do Pernambuco foi efetivando percursos que tinham como destino os lugares mais agradáveis, às margens dos rios, para a criação de vilas e povoados.

As vilas que se formaram a partir daí, tais como: Vila Nova do Campo Maior do Quixeramobim, Vila do Icó, Sobral, Aracati, dentre outras, foram centrais nesse processo, tornando-se, mais adiante, sítios marcados pelo dinamismo comercial, pela violência imposta pelos latifúndios, e pelas várias tonalidades da religiosidade popular. Foi na Vila de Santo Antônio do Quixeramobim, que nasceu o místico mais famoso do Nordeste do Brasil: Antônio Conselheiro.

64

Criado e educado para seguir a vida religiosa, foi a Igreja Matriz do Santo Antônio de sua freguesia, a primeira referência em modelo de edificação sacra. Na Matriz de Antônio Dias ele recebeu o sacramento do batismo, casou e cumpriu todas as suas obrigações religiosas.

Foi esse contexto, permeado de religiosidades e misticismos, um dos aspectos de influência na vida devotada à religião, posteriormente. O seu mundo, até a idade adulta – antes do casamento, se circunscrevia às imediações da vila do Quixeramobim com algumas incursões pelas vilas comerciais do Ceará: Aracati, Sobral e, mais tarde, Icó.

Sobre a capela da Vila do Quixeramobim situada às margens do Rio Rinaré nos informa Macedo (1978, p. 23,25).

Amortalhado no hábito de São Francisco, assim quis partir o Capitão Antônio deste Vale de Lágrimas, vestido de frade, na pobreza de um franciscano. Mas, em vida quis honrar sobremodo a sua fé religiosa, erigindo capela de pedra cal, com três arcos no frontispício e dois altares, por hábeis mãos de oficiais vindos do Reino, não reparando no custo, e bem ornada, com damasco, patena, cálice, colher de prata, imagens e alfaias [...] Antônio Dias Ferreira, cristão valente do Porto, sonhava transformar em grande o bastante para alojar opas, [...] brandões, cajados de prata, cruzeiros alçados, nave iluminada por fortes candeias de azeite e defuntos amortalhados em alvas [...] E o piso atulhado deles, os mortos, uma vez sepultados, debaixo das encomendações da Igreja. Uma casa de Deus como devera ser: e que os gados, carros de junta e cavaleiros não lhe viessem afrontar o templo, ao transitarem pelo patamar, no espaço vazio entre fachada e o cruzeiro! Com aquele capricho, fé e paciência do tempo, o capitão do Quixeramobim mandou fabricar três sinos. Porém, um de seus alvenerios, mestre Antônio Mendes da Cunha, acusado de bigamia, num auto de fé da inquisição, foi condenado ao degredo e açoites.

Aos vinte e cinco anos, não concretizando seus objetivos, tendo já casado, Antônio Vicente, que tinha fracassado nos negócios, termina abandonando com sua esposa, o seu torrão natal. Começa a partir daí, na tentativa de sobrevivência, uma vida de nomadismo pelas terras do sertão nordestino.

Otten (1990, p. 142, 143) assevera que, como o comércio não ia bem, liquida-o, e no mesmo ano, ainda, se transfere para uma fazenda vizinha, lecionando português, aritmética, e geografia. Não se fixando no local, retira-se para o Campo Grande como caixeiro; desfeito este emprego, passa a atuar no foro como advogado dos pobres. Em 1861, o autor nos diz que, deixando o Campo Grande torna-se advogado provisionado em Ipu.

Nessa mesma época, sua mulher, que lhe dera dois filhos, foge com um furriel da força pública, deixando sua vida bastante inconstante. Mais adiante, muda-se para a Fazenda Tamboril e, novamente, exercerá a profissão de professor. Mas a vida errante continuava a empurrar o profeta pelos meandros dos sertões. Também se estabeleceu, por um curto período de dois anos, em Santa Quitéria, no Ceará, onde conheceu Joana Imaginária, mulher meiga e mística que esculpia imagens de santo em barro e madeira e com ela teve um filho chamado Joaquim Aprígio.

Certamente com Joana Imaginária seu espírito místico religioso se avultaria, como também acentuaria o seu senso estético, pois sendo Joana uma escultora, muito contribuiria para a corporificação das artes visuais que se fariam presentes em suas construções.

Aos cinco anos já desenhava caju nas paredes. Os desenhos das castanhas encravados nas suas unhas eram rupestres. No subconsciente sujo e encardido, a cor que vislumbrava assumia um tom sanguíneo, entre o pardo e o marrom, suas cores prediletas quando desenhava ou pintava. Deixara o desenho para ser ceramista, já que o barro era mais fácil de ser achado e a madeira doía-lhe nos dedos sendo encarnada na ponta do canivete. Joana não queria pegadio com homem nenhum, livre cigana dos sertões raparigueiros. Ainda não tinha conhecido nem se apaixonado por Antônio Vicente Mendes Maciel, o futuro Conselheiro. Estava de sina sinada que, com ele se encontraria na Rua da Palha, em Santa Quitéria, perto de Sobral. Terra de muito calor e sol. Estava no esplendor dos trinta anos[...] Suas peças de barro, suas imagens na madeira eram espalhadas pelos sertões; as encomendas quando havia, vinham de fora e se sumiam nos mercados longe. (DANTAS, 1982, p. 31, 35).

65

De acordo com Benício (1997, p. 68), os profundos golpes que o destino desferira sobre a sua cabeça eivada de doutrinas complexas e confusas pregadas por missionários estrangeiros, então invadindo os sertões, bem como a presença mística de Joana Imaginária alquebraram o seu espírito; fizeram com que Antônio tomasse outros rumos.

Pelos idos de 1865, Antônio parte novamente, dando-se à uma vida de intermitências nômades percorrendo os povoados da região. Na segunda metade da década de 1860, fixa-se em Várzea da Pedra, insistindo novamente com os negócios, mas os fracassos comerciais e a provável influência das pregações do Padre Ibiapina levam-no a iniciar uma nova fase de sua vida. A essa altura, a sua esposa que o abandonara, prostituía-se, sucumbindo em Sobral, sua terra natal, esmolando à caridade pública.

Nesse ínterim, tomado de vergonha dirige-se a Paus Brancos - CE, onde morava sua irmã Francisca Maciel e a partir daí, em rota migratória, segue, novamente, para o Crato, onde, certamente, teria acompanhado os missionários que pregavam, engrossando o número dos peregrinos. Segundo Benício(1997), corria o ano de 1867 ou 1868 quando ele desapareceu do Ceará. Segundo o autor, passaram-se seis anos sem que se tenham notícias de Antônio Maciel até seu aparecimento nas terras da Bahia e Sergipe.

A obra empreendida pelo Pe. Ibiapina deixou fortes marcas em Antônio Vicente Mendes Maciel. Essas evidências não se resumiam somente ao processo de evangelização. Considerado por muitos como o precursor do Conselheiro, Ibiapina ergueu pelos sertões do norte, na faixa compreendida entre o Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte, inúmeras casas de caridades e diversas igrejas. Muitas dessas

obras, articuladas para dar assistência aos desfavorecidos, eram, como se verá adiante, parecidas com as que Antônio concebeu. Na obra material deixada pelo Pe. Ibiapina está, possivelmente, uma das matrizes estéticas que se processará nas obras conselheiristas.

Numa perscruta mais atenta dessas construções, evidenciamos as marcas que unem esse dois religiosos. São obras de repertório simplificado, com fachadas, às vezes, triangulares, pontuadas por pináculos. Usualmente, vê-se alinhado à sua fachada um cruzeiro onde os penitentes, beatos e peregrinos rezavam, ouviam sermões e faziam festas em honra ao padroeiro.

O Senhor do Bonfim de Chorrochó e o São João da Rainha dos Anjos: Duas amostragens tipológicas do beato.

O repertório ornamental da Igreja do Senhor do Bonfim, desde a gênese de sua concepção, pedia para uma simplicidade e economia de detalhes. O estilo adotado fugia a regra do partido ornamental da fachada, pois o que se via aí era uma predileção pelo singelo da arte popular, mesclado aos toques do neoclássico e influências sutis do barroco.

O orago, escultura em madeira policromada, apresenta alguns traços da arte popular (FIG. 1). É voz corrente na cidade que a imagem foi presente concedido ao profeta, vindo de Portugal, o que, talvez, não se confirma. O certo é que, é uma peça *sui generis*. Nela podemos observar alguns incrementos em prata batida e outros elementos em madeira torneada. Outro exemplar deixado pelo beato e que podemos relacionar com o Senhor do Bonfim de Chorrochó, é o do Bom Jesus de Crisópolis, sendo, este, todavia, de repertório mais erudito. (FIG. 2)

Sobre o orago de Chorrochó, há uma lápide em mármore que foi colocada na parede frontal da igreja, no ano de 1985. A escultura do Senhor do Bonfim de Chorrochó está acondicionada num oratório executado, no século XIX, para compor o altar-mor. É uma das últimas peças dessa época, e evidencia em sua ornamentação mesclas da arte popular e erudita.

66

Concebido em madeira sem policromia, apresenta porta de vidro contendo bordas torneadas. A cornija dessa peça é ligeiramente arqueada e está coroada por dois pares de volutas em “s” que sustentam um globo encimado por uma pequena cruz. Essa tipologia foi adotada, ainda que de forma mais exuberante, em outras igrejas do sertão por onde o Conselheiro andou e missionou. Dentre elas é conveniente citar: altares colaterais e oratórios da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Ouriçangas e oratório do altar-mor da igreja de Santa Tereza de Ribeira do Pombal.

Por outro lado, o repertório analisado na freguesia do Itapicuru, Rainha dos Anjos é de linguagem bem mais popular. Aí consta como a genese de formação do *modus operandis* da grei conselheirista.

É de comum acordo, no sertão da Bahia, apontar a capela de Nossa Senhora da Rainha dos Anjos, como a primeira da lavra de Antônio Vicente Mendes Maciel. O primeiro jornal que noticiou acerca do profeta Conselheiro foi *O Rabudo* da cidade de Estância, datado de 22/11/1874. O periódico, além de caracterizar o beato, informa-nos sobre a pequena capela edificada nas terras do Itapicuru, no povoado cujo topônimo é o mesmo de sua padroeira: Rainha dos Anjos.

Aras (1953, p.8) assevera que, estando o profeta nas terras da Bahia, à margem direita do Rio Real, na Vila de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, edificou uma igreja em estilo da época, com varandas, a qual veio a ruir por falta de assistência. Conforme o autor, algum tempo depois enviaram Pedrão um dos homens da “Companhia do Conselheiro”, onde erigiu uma capela.

Na verdade, pelo que se pode depreender, a capela foi restaurada; perdendo-se, todavia, a feição original. Contudo, é importante afirmar que a estrutura e alguns elementos são os mesmos da obra anterior; o partido ornamental do interior ainda se mantém como antes, e demonstra o estilo do beato no início de sua formação.

Sobre essa edificação, Fontes (2011, p.126) assevera que a Igreja da Rainha dos Anjos pertencia à freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima e parece ter sido a primeira obra do beato cearense, realizada

entre 1874 e 1876. Informa, ainda, que a capela antiga foi restaurada e a pequena localidade continua a existir e pertence ao mesmo município.

O *Diário da Bahia* datado de 27 de junho de 1876 (apud CALASANS, 1997, p.62) noticiando a prisão de Antônio Conselheiro, nesse mesmo ano, escreveu que ele, também, há reedificado templos como aconteceu com a capela da Rainha dos Anjos no Itapicuru e construção de cemitérios.

Conforme Silvio Romero (1879, p.6), nos seus *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*, aparecidos na Revista Brasileira, no ano de 1879, certamente baseando-se em informações adquiridas em Sergipe, refere-se à igreja que julgava fundada pelo anacoreta de Quixeramobim. Na sua fala, o autor diz sobre um indivíduo criminoso do Ceará que saiu a fazer penitência a seu modo e inaugurou prédicas públicas. No seu percurso, veio ter aos sertões da Bahia e fundou a igreja em Rainha dos Anjos. Chamava-se Antônio e o povo o denominava – Antônio Conselheiro.

O povoado de Rainha dos Anjos parece ser o mesmo da época em que Conselheiro por lá construiu. A pequena comunidade que está localizada nos confins do Itapicuru parece não gostar do progresso, pois não há, ali: calçamento, telefonia móvel, etc.

Ao bater nos pórticos da vila, a pequena capela é o ponto que mais chama a atenção do visitante. Nela já se faz notar uma estrutura de paredes espessas e pesadas; uma marca do beato recorrente nas construções posteriores. Saltam aos olhos outros elementos ainda presentes na construção, e que se repetiriam noutras obras do anacoreta. Dentre eles, podemos citar os pares de contrafortes que aí estão presentes.

A fachada certamente apresentava-se com algumas volutas assimétricas e elementos fitomorfos decorando-a. Embora a atual seja menos ornamentada, ainda preserva alguns motivos decorativos no seu frontão triangular.

Um fato importante observado nessa construção, que apresenta a gênese do processo artístico e estilístico do Conselheiro, é a colocação da cruz defronte à capela. Nesse período, o beato que peregrinava pelos sertões, não havia ainda se transformado no Conselheiro articulado e líder. Portanto, o cruzeiro colocado aí é simples, e está encimado numa base sem nenhum ornamento, não se configurando como um cruzeiro típico do beato. Os grandes cruzeiros, com estrutura trabalhada e com o coreto do tipo “palanque” só aparecerão na década de oitenta do século dezenove.

67

O *proto-estilo* do Antônio Conselheiro, concebido ao gosto do povo do sertão, ocorreu, certamente, na capela da Rainha dos Anjos. Como o frontispício da obra foi modificado, impedindo-nos de uma análise mais sucinta, recorremo-nos ao único exemplar do profeta que mantém um diálogo com essa obra: a capela de Nossa Senhora da Conceição, construída no povoado de Curralinho, município de Poço Redondo – Sergipe.

Por outro lado, o interior da edificação manteve seu partido ornamental preservado. A pequena obra possui uma única nave cujas paredes apresentam dois pares de portas laterais, um arco cruzeiro com arco abatido encimado por um símbolo em alto relevo e um pequeno altar esculpido em madeira.

O vocabulário da decoração interior é bastante simplificado, todavia, o trabalho em talha do altar-mor é um exemplar único, e, embora seja o modelo inicial, é rico em expressão popular e memória histórica dos tempos primevos do povo conselheirista. (FIG. 3)

O pequeno altar feito por artífices do séquito do beato, embora singelo, apresenta, também, elementos do vocabulário erudito. É um exemplar híbrido contendo pequenos dosséis, dois pares de colunas de influência coríntia, um oratório, figuras angélicas, e motivos vegetalizados. A mesa do altar possui forma trapezoidal e um inscrição cujo significado é o seguinte: Virgem Nossa Senhora Rainha dos Anjos.

Chama atenção, no altar, um conjunto de sete cabeças de querubins em tamanhos diferenciados; neles, notam-se variadas formas da expressão popular. É, talvez, um dos poucos exemplares onde evidenciamos a



*Figura 3: Altar-mor da capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru, BA.
Fonte: Jadilson Pimentel, 2010.*

presença de esculturas com essa fisionomia. A imagem de São João Batista com o carneirinho de feições “primitivas” é uma peça de extraordinária beleza; está presa ao retábulo, ou seja, foi elaborada como continuidade do altar e que, provavelmente, fazia par com outra imagem, a qual não se encontra mais ali, pois foi substituída por uma de feição mais classicizante (FIG. 4). Nesta imagem do São João Batista ainda menino, é imprescindível lembrar que o artista que a esculpiu lançou mãos dos tipos fisionômicos e modos do povo sertanejo. Nele chama atenção a cuia de cabaça que está sendo utilizada, objeto indispensável nos labores do sertanejo.

No coroamento do arco do altar alguns elementos decorativos se impõem; um ser angélico (querubim) de feição híbrida harmoniza-se com as pequenas volutas; e mais acima deste, motivos fitomorfos com desenhos de espirais roubam a cena; atestando que a predileção por motivos florais já se fazia presente no repertório do beato do Belo Monte desde a gênese de suas criações.

Contudo, a peça de valor inestimável para a população do povoado é a imagem presente no oratório do altar da capela. É uma obra de feição e características barrocas; a qual tem povoado o imaginário daquelas gentes. Contou-nos a religiosa que guarda as chaves da igreja, dona Deildes, que esta imagem; a Nossa Senhora Rainha dos Anjos foi recentemente roubada do altar; provocando imensa tristeza na população. Mobilizados, puseram anúncios em diversos meios de comunicação; conseguindo encontrá-la na cidade de Feira de Santana.

Hoje, ela repousa no seu lugar de origem, mas encontra-se danificada pela ação dos vândalos. Os habitantes do lugar clamam às autoridades uma tomada de consciência no sentido de conseguirem uma restauração urgente para a peça, pois esta se encontra com a policromia extremamente danificada. Segundo a informante que cuida da igreja, a pintura da imagem foi retirada quando a roubaram, pois os praticantes dessa ação acreditavam que a peça fosse feita totalmente em ouro.



Figura 4: São João Batista do altar-mor da capela da Rainha dos Anjos.
Fonte: Jadilson Pimentel, 2010.

Referências

- ARAS, José. *Sangue de Irmãos*. Salvador: Museu de Bendengó, 1953.
- BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*. [Edição fac-similar do Jornal do Comércio, 1899]. Brasília, Senado Federal, 1997.
- CALASANS, José. Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios. In: *Cartografia de Canudos*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.
- DANTAS, Paulo. *Joana Imaginária*. São Paulo: Padan/Global, 1982.
- FONTES, Oleone Coelho. *No rastro das alpercatas do Conselheiro* (Coletânea de textos conselheiristas e euclidianos). Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2011
- MACEDO, Nertan. *Antônio Conselheiro*. Rio de Janeiro, Record, 1978.
- ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Liv. Clássica de Alves e Cia., 1879.